

Dramas humanos que atravessam fronteiras: abordagens convergentes

O Salmo 86, em seus versículos 1 e 2, transmite uma angustiante súplica a Deus, em meio às provocações das forças políticas opressoras deste mundo: “Senhor, inclina teu ouvido! Responde-me, porque eu sou oprimido e pobre! Guarda minha alma, porque eu sou fiel! Salva teu servo! Tu és meu Deus; confio em Ti”.¹

Ao longo dos séculos, em meio a incontáveis dramas humanos que atravessam fronteiras, às multidões oprimidas e empobrecidas resta o consolo da confiança (fé inabalável) em Deus:

Olha do alto
e me vê.
Inclina teu ouvido
e me escuta.
Abre teus braços
e me acolhe,
Deus de Amor.

Minha carne
é transpassada
por dramas humanos
que atravessam fronteiras:

Empobrecimento,
miséria,
fome,
doença.

Sou pedinte,
sem teto...
sem ter o que fazer,
perambulo pelas ruas
de toda a cidade.

Sou ninguém,
sem nacionalidade,
sem identidade,

¹ A BÍBLIA: SALMOS. São Paulo: Paulinas, 2017.



sem dignidade.

Sou ninguém,
que mal sabe expressar por palavras
o que necessita.

Sou parte
da multidão excluída,
abandonada
como rebanho sem pastor...

Tem compaixão, Senhor,
de mim ...

Instigados por essa dura realidade, este número de *Fronteiras - Revista de Teologia da UNICAP* oferece artigos com diferentes abordagens dentro do Dossiê Temático que tem como título *Dramas Humanos que Atravessam Fronteiras*.

No Editorial, Nilo Ribeiro Junior (Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP), convida a quem se interessar pela leitura, a ampliar a convicção de que a Revelação de Deus está a acontecer na existência de cada ser humano “que se sente, que se sabe e que se torna pela ação, palavra viva do Mistério em meio ao drama/tragédia de um mundo sedento do amor e da justiça do Reino”.

No primeiro artigo do Dossiê Temático, Afonso Tadeu Murad (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE - Belo Horizonte), de forma objetiva, demonstra como a extração e a venda do ouro tem graves consequências para o meio ambiente e as comunidades atingidas pela mineração, especialmente as mais pobres. Trata-se de um tema atualíssimo, denunciado por ambientalistas e organizações não governamentais do Brasil e do mundo. Por conta disso, inúmeras pessoas estão sendo assassinadas na Amazônia, como, mais recentemente, Bruno Pereira e Dom Phillips. O assunto tratado pelo autor está dividido em três partes: (1) O processo produtivo do ouro e seu uso no mercado financeiro; (2) Um panorama da visão bíblica sobre o ouro; (3) Reflexões ético-teológicas sobre o tema.

Aldo Skoda (Pontifícia Universidade Urbaniana, Roma) ao tratar dos atuais desafios migratórios, apresenta uma interessante abordagem teológica do fenômeno. Ao analisar alguns elementos característicos da ação pastoral no campo da mobilidade humana, propõe o conceito de participação, partilha de responsabilidades e valorização intercultural como forma concreta de ação pastoral. Para o autor, isso pode estimular processos transformadores, superando assim a mera pastoral de emergência, fragmentada e descontínua, dando origem a novas práticas onde a ação com migrantes e refugiados é entendida como algo costumeiro, quase conatural à própria essência da comunidade cristã.

Claudio de Oliveira Ribeiro (Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF MG) e Felipe de Moraes Negro (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP) enfrentam o tema da migração a partir de um olhar sobre as experiências religiosas que se dão no contexto sociocultural de pluralismo. A aproximação e os diálogos, apesar dos conflitos e tensões que a diversidade cultural e religiosa suscita, também reforçam a alteridade. Essa constatação é aprofundada a partir do conceito de “inreligionaçã”, de Andrés Torres Queiruga, segundo o qual, no contato entre as religiões, o movimento espontâneo em relação aos elementos que lhe chegam da outra deve ser o de incorporá-los em seu próprio organismo, que, desse modo, não desaparece, mas cresce na direção do mistério comum. Nessa perspectiva, os autores apresentam a reflexão em três pontos bem articulados: primeiro, o que se entende pelos processos migratórios e a relação com a pluralidade das experiências religiosas; o segundo ponto consiste em compreender o significado do conceito de inreligionaçã queiruguiano; o terceiro busca concatenar a reflexão acerca da migração, tendo por base a inreligionaçã, demonstrando de que forma pode ser aplicado favoravelmente nos fluxos migratórios.

Francisco de Aquino Júnior (Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP) faz um guia de leitura da Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, “sobre o cuidado da casa comum”, no bojo da maior crise socioambiental, um dos dramas humanos que atravessa fronteiras. Depois de apresentar o

contexto no qual se insere a Encíclica e de fazer uma apresentação da estrutura e do conteúdo, o autor apresenta alguns aspectos que ajudam a perceber a importância e as peculiaridades deste Documento no atual contexto histórico e no contexto mais específico do magistério social da Igreja, desenvolvido nas encíclicas sociais. O autor conclui destacando o caráter profundamente espiritual - esperançoso e prospectivo do texto: “Se é impactante o realismo com que Francisco trata os “efeitos” e as “causas” da crise ecológica, não menos impactante são a esperança e o otimismo com que ele enfrenta essa crise”.

Lúcia Pedrosa de Pádua (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RIO), ao tratar do tema da “aporofobia”, aborda o tema na perspectiva da filósofa espanhola Adela Cortina, que entende como lógica aporófoba a rejeição e o ódio às pessoas empobrecidas. É urgente a necessidade de nomear a aversão aos pobres para visibilizar e denunciar esse crime e, concomitantemente, provocar mudanças na dinâmica social injusta que atravessa fronteiras: o poder destrutivo das ações de ódio sobre as vítimas do sistema econômico; a necessidade permanente de discursos, instituições e educação inclusivas; atitudes éticas da abertura e compaixão para com as multidões excluídas. Como desfecho, a autora articula o tema com o pensamento do Papa Francisco, segundo o qual, a construção de vínculos com os pobres - vínculos afetivos e estruturais - é ponto de partida e de chegada para a vivência de uma nova e evangélica humanidade.

Ney de Souza e Tiago Cosmo da Silva Dias (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP) apresentam alguns aspectos do pontificado do Papa Francisco que apontam para o retorno da “opção preferencial pelos pobres” e isso não poderia ser diferente, em meio a tantos dramas causados pelo empobrecimento crescente de milhões de seres humanos em todo o planeta. O artigo está organizado em duas sessões: na primeira, os autores fazem uma breve retomada acerca da opção preferencial pelos pobres, no intuito de expor o seu desenvolvimento até o pontificado em curso para, num segundo momento, verificar como essa opção ganhou vida e notoriedade nas palavras e nos gestos do Papa Francisco. Segundo eles, é notória a convicção

do Papa Francisco no que diz respeito à opção preferencial pelos pobres, como fruto, inclusive, de sua formação, de seu pastoreio e, especialmente, de sua análise de conjuntura, tanto da realidade do povo quanto da própria Igreja, por vezes perdida em valores efêmeros e conflitos em virtude de cargos, poder, vaidades e, assim, sucessivamente.

Ylly Vanessa Pacheco Restrepo (Georg-August University of Goettingen, Alemanha) e Rafael da Silva Sampaio (Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen, Alemanha), analisam a crise dos refugiados ambientais como um dos maiores desafios do século XXI e o fazem numa perspectiva interdisciplinar transitando entre a Filosofia e a Teologia. Diante desse gravíssimo problema, esses autores sugerem a releitura da Teologia dos Direitos Humanos de Jürgen Moltmann, segundo a qual os direitos da pessoa humana devem ser compreendidos desde a relação comunitária com a criação não-humana. A relação do humano com a criação, inspirada na Teologia bíblica de Moltmann, apresenta o ser humano não só como imagem e semelhança de Deus, mas, também, como corresponsável pela criação que deve gerar uma relação de cuidado, respeito e participação com a casa comum. O artigo conclui demonstrando dois caminhos concretos que podem contribuir para a superação desse modelo moderno: a ressignificação do conceito de economia e o reconhecimento do dever ecológico fundamental.

A Revista também apresenta neste número três artigos com Temas Livres. A sequência segue a ordem alfabética, a partir do nome do primeiro autor. Assim, vejamos:

Antonio Carlos Frizzo (Faculdade Católica de São José dos Campos, SP; Instituto Teológico São Paulo - ITESP), a partir da análise de Jz 9,1-15, apresenta uma instigante reflexão sobre o exercício do poder, seja qual for a instância ou instituição, que deveria ser pautada pelo ideal da ética e da justiça social. Segundo o autor deste artigo, a narrativa destaca uma disputa interna pelo poder. No seguimento dos fatos históricos, o regime da monarquia acabou prevalecendo, mas não inume a uma saraivada de críticas. Os fatos testemunham que grupos tribais perseguiram a utopia da convivência fraterna, da partilha e da igualdade. Está em jogo o ser e não o poder. Eis

onde atracam suas teses para criticar o modelo concentrador, violento e excludente do rei. Resistir foi a palavra de ordem. O exercício do poder é inevitável e necessário, mas deve ser exercido na perspectiva da igualdade, da justiça e da equidade.

José Pereira Silva (Dom Jerônimo, OSB), da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, faz uma análise do rito da imposição das cinzas, celebrado na abertura do caminho quaresmal (quarta-feira de cinzas) rumo à Páscoa. O autor parte da forma ritual atual, sublinhando as diferenças fundamentais em relação à sua “fisionomia” celebrativa precedente à reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II; busca o seu fundamento bíblico e histórico para encontrar as suas peculiaridades teológicas, antropológicas e pastorais. O artigo, de certo modo, corrobora com a temática deste número de Fronteiras. Como salienta o autor nas considerações finais, o gesto de imposição das cinzas inserido no início do itinerário quaresmal é um sinal que codifica a fragilidade do ser humano, o seu ser de pó e a sua imensa necessidade da graça de Deus. Aquele símbolo austero, colocado na cabeça, lugar de identidade e da dignidade da pessoa expressa a consciência de que, sem comunhão com Deus, tudo se reduz a pó: as obras que realizamos, as pessoas que amamos. Da mesma forma, a prática quaresmal da imposição das cinzas é considerada um instrumento de renovação interior que favorece o encontro com Deus e com os irmãos.

Leonardo Agostini Fernandes e Vilson José da Silva (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RIO), ao fazerem uma análise exegética de Dt 6,1-13, transmitem a mensagem bíblico-teológica de que, em meio aos dramas humanos que atravessam a história, é preciso: 1. Manter a aliança e caminhar nos caminhos de Deus (Dt 6,1-3); 2. Reconhecer o Senhorio de Deus em meio aos desafios da vida (Dt 6,4); 3. Amar a Deus, com todo o coração, alma e força (Dt 6,5); 4. Recordar o mandamento de modo perpétuo: “eu hoje te ordeno” (Dt 6,6); 5. Observar suas “leis, estatutos e normas” para possuir a terra boa (Dt 6,10-13). O texto, portanto, convoca o povo a dar uma resposta adequada à aliança com Deus. Ao internalizarem e incorporarem tais ensinamentos à própria vida, os filhos de Israel poderão tomar posse da terra

prometida em herança a Abraão e à sua descendência. Ao transmitirem esses ensinamentos com fidelidade às futuras gerações, estarão garantindo a sua permanência na terra por meio destas.

Estas são as contribuições que foram enviadas e aprovadas para este número de *Fronteiras*. Agradecemos o trabalho das pessoas que se dispuseram a colaborar. Esperamos que os textos contribuam para a pesquisa e para o aprofundamento em torno dos assuntos aqui tratados.

Com relação ao Dossiê Temático, sabemos que outros tantos dramas humanos que atravessam fronteiras poderiam ser abordados. Contudo, fica a provocação para que essa realidade desafiadora continue a suscitar interesse acadêmico por novos estudos em todas as áreas do conhecimento, na busca da preservação da vida em sua complexidade. Assim seja!

João Luiz Correia Júnior
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Doutor em Teologia e Pós-doutor em Ciências da Religião. Professor da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6816-0970>. E-mail: joao.correia@unicap.br